

# PENTECOSTALIDADE E PENTECOSTALISMO: FATORES DE CRESCIMENTO ASSOCIADOS À ORALIDADE<sup>1</sup>

Claiton Ivan Pommerening<sup>2</sup>

*Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava. At 2.4 (NVI)*

## RESUMO

Propõe-se explicar a pentecostalidade e o pentecostalismo, apresentando-se algumas evidências históricas, passando pelo proto-pentecostalismo brasileiro e elementos constitutivos da história do pentecostalismo, evidenciando seus principais fundadores nos Estados Unidos e no Brasil, bem como análises históricas de alguns eventos isolados, como o motivo da expulsão dos pentecostais da Igreja Batista em Belém (PA). A ênfase principal de análise são os fatores históricos internos e externos que propiciaram o crescimento da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no

---

<sup>1</sup> POMMERENING, Claiton Ivan. **Oralidade e escrita na teologia pentecostal**: acertos, riscos e possibilidades. 2008. Dissertação (Mestrado) – IEPG, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo (RS), p. 35-75. Adaptações do original a este artigo científico.

<sup>2</sup> Claiton Ivan Pommerening tem graduação em Ciências Contábeis e Teologia, especialização em Teologia e Bíblia, mestrado em Teologia e é doutorando em Teologia; é copastor na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Joinville (SC), diretor do CEEDUC – Centro Evangélico de Educação e Cultura e presidente da SASEDEP – Sociedade de Assistência Social e Educacional Deus Proverá.

Brasil, enfatizando algumas análises sociológicas e religiosas, de forma não exaustiva.

Palavras chave: oralidade, teologia pentecostal, pentecostalismo, história do pentecostalismo, pentecostalidade.

## INTRODUÇÃO

A Assembleia de Deus no Brasil é o movimento religioso que mais cresce no mundo, atraindo a atenção de pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento humano. Esta igreja se tornou a maior igreja evangélica<sup>3</sup> do Brasil, mesmo não tendo seus fundadores planejado de forma clara seu crescimento e sua teologia. Um pentecostal, ao ser perguntado do motivo deste crescimento, diria de forma simples e direta: “é obra do Espírito Santo”. Embora não se discorde desta afirmação, pergunta-se de quais recursos lançou-se mão, objetiva ou subjetivamente, para que isto se tornasse possível?

### 1 Pentecostalidade na história: “A quantos o Senhor nosso Deus chamar”<sup>4</sup>

Muito embora o pentecostalismo, no formato como hoje se conhece, surgiu no início do século XX, documentos históricos da igreja cristã atestam a presença de movimentos carismáticos análogos verificados quase ao longo de toda sua história. Neste sentido deve-se falar em pentecostalidade<sup>5</sup> na história da igreja.

---

<sup>3</sup> Dos cerca de 26,2 milhões (ano 2000) de evangélicos, os assembleianos formam percentual de 33% do total. No Brasil existiam, no ano 2000, quase 9 milhões de assembleianos, hoje se acredita que sejam 12 milhões. MENSAGEIRO DA PAZ. Rio de Janeiro: CPAD, março de 2008. Ano 78, n. 1474. p. 15.

<sup>4</sup> Atos 2.38,39. Este texto tem sido usado pelos pentecostais para ratificar a contemporaneidade do Batismo no Espírito Santo.

<sup>5</sup> CAMPOS, Bernardo. **Da reforma protestante à pentecostalidade da Igreja**. Sinodal/CLAI, 2002.

A pentecostalidade teve como marco fundante a descida do Espírito Santo<sup>6</sup> no dia de Pentecostes, seguida por várias outras manifestações similares de glossolalia em todo o livro de Atos dos Apóstolos. Este argumento de historicidade é muito utilizado pelos pentecostais para amenizar as críticas que o movimento recebe no sentido de ser uma “invenção” de história recente. Porém na metade do século XIX, e como consequências de vários movimentos de santidade, é que começa-se a esboçar o nascimento do que hoje se conhece como Movimento Pentecostal.

A partir de 1895, Frank W. Sandford (1862-1948), exercendo um ministério de evangelização independente, pregou a restauração da experiência apostólica. Achava que havia uma disparidade entre a igreja primitiva e a religião denominacional de sua época.<sup>7</sup> Neste mesmo ano, Reuben Archer Torrey (1856-1928) publicou o livro “Baptism with the Holy Spirit”, ligando teologicamente a doutrina da santificação metodista com o batismo com o Espírito Santo.<sup>8</sup>

Um dos principais expoentes do pentecostalismo foi Charles Fox Parham (1873-1929), obreiro leigo, pregador metodista itinerante e eloquente, de personalidade carismática, fundou em 1900 o “Movimento da Fé Apostólica” com o objetivo de restaurar a fé da igreja primitiva, pois achava que havia muita diferença entre a igreja de seu tempo. Chegou a esta conclusão após ter passado seis semanas na comunidade Shiloh, no estado do Maine, com Franck Sandford<sup>9</sup>, já mencionado acima, comunidade esta que se autoproclamava restauradora da fé apostólica. Fundaram uma

---

<sup>6</sup> SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?** Viçosa (MG): Ultimato, 2004. p. 17.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, José de. **Breve história do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 42.

<sup>8</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim (Ed.). **Na força do espírito – os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas**. Trad. Júlio Zabatiero. São Paulo: Pendão Real, 1996. p. 81.

<sup>9</sup> CURTIS, A. Kenneth; LANG, J. Stephen; PETERSEN, Randy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**. São Paulo: Vida, 2003. p. 204.

escola bíblica denominada “O Espírito Santo e Nós”, de abordagem anti-acadêmica, que teria no Espírito Santo seu único professor. Talvez tenha se originado aqui a postura de muitos dentre os primeiros pentecostais, pela qual desestimulavam o estudo da teologia, tendo isto consequência até o presente. Parham organizou o Instituto Bíblico “Bethel College”, em Topeka, Kansas, nos moldes da comunidade Shiloh, com o objetivo de preparar obreiros leigos e suas famílias. Os alunos começaram a estudar sobre o batismo no Espírito Santo e a orar, sendo influenciados com a chegada de Agnes Ozmann, a qual com mais alguns alunos ficou orando uma noite inteira para receber uma “experiência sobrenatural” de falar em línguas, o que aconteceu quando Parham impôs as mãos sobre a cabeça deles. Isto aconteceu no dia 1º de janeiro de 1901.<sup>10</sup>

Este mesmo Instituto Bíblico foi frequentado por William J. Seymour (1870-1922), obreiro leigo, negro e cego de um olho, filho de pais escravos, que recebeu o batismo no Espírito Santo em 09 de abril de 1906, sob a influência de Parham.

Em 1906 William H. Durham (1873-1912), batista e pregador independente do movimento de santidade, fundador da Missão da Avenida Norte<sup>11</sup>, em Chicago, passou pela experiência pentecostal na Rua Azusa e fundou um dos movimentos pentecostais mais importantes da América do Norte.<sup>12</sup> Foi neste movimento que Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores da Assembleia de Deus no Brasil, receberam o batismo no Espírito Santo e receberam grande influência para implantarem o pentecostalismo no Brasil.

---

<sup>10</sup> OLIVEIRA, 2003, p. 43-45.

<sup>11</sup> OLIVEIRA, 2003, p. 62.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, 2003, p. 58.

## 1.1 Do início do século XX à atualidade

O movimento pentecostal moderno, embora tivesse seu marco inicial na Rua Azusa, teve eclosões simultâneas, já no final de século XIX e início do século XX, em várias partes do mundo, algumas delas sem qualquer vínculo com este movimento inicial. Aconteceu tanto em várias partes dos Estados Unidos, quanto no Canadá, na Inglaterra<sup>13</sup>, na Austrália, na Índia<sup>14</sup>, na Noruega<sup>15</sup> e na Suécia. No Brasil, em 1909 um pastor, imigrado da Letônia, chamado Pedro Graudim (1875-1935), recebeu o batismo no Espírito Santo, falou em línguas e profetizou em Guaramirim (SC) numa igreja Leto-Batista fundada por ele.<sup>16</sup> Convidado a se retirar da igreja, o movimento iniciado por ele ficou isolado até a fundação da Assembleia de Deus nesta cidade, igreja esta organizada em sua própria casa.

## 1.2 Avivamento da Rua Azusa

Em 1906 William J. Seymour foi convidado por uma Igreja do Nazareno<sup>17</sup> de Los Angeles para ser seu pastor auxiliar. Isso ocorreu depois que uma mulher, membro desta igreja, ter tido contato com a escola onde Seymour estudava com Parham. A pregação não agradou a comunidade anfitriã que o proibiu de frequentar a igreja.<sup>18</sup> Foi o estopim para o surgimento do movimento conhecido como Rua Azusa. Durante três dias e três noites pregou em casa de amigos, atraindo muitas pessoas. Como as casas não comportavam tanta gente, alugaram o prédio da Rua

---

<sup>13</sup> CURTIS, et al., 2003, p. 203.

<sup>14</sup> OLIVEIRA, 2003, p. 61.

<sup>15</sup> CONDE, Emílio. **Pentecoste para todos**. Rio de Janeiro: CPAD, 1985. p. 41.

<sup>16</sup> SANTOS, Ismael dos. **Raízes da nossa fé**. Blumenau: Letra Viva, 1996. p. 30.

<sup>17</sup> ALISTER, Robert Mc. **A experiência pentecostal**. Rio de Janeiro: Igreja de Nova Vida, 1977. p. 19-20.

<sup>18</sup> CURTIS, et al., 2003, p. 204-205.

Azusa que passou a se chamar “Missão Evangélica da Fé Apostólica”. Tornou-se a “Meca Pentecostal”<sup>19</sup>, sendo por vários anos o centro do movimento pentecostal crescente, pois as pessoas ao visitarem o movimento, voltavam para suas casas e igrejas, levando o que encontravam ali.

Um grupo de pentecostais do sul dos EUA, que até então se chamava Fé Apostólica, sob a liderança de Eudorus Neander Bell (1866-1923), buscou unificar o movimento, passando a se chamar Igreja de Deus em Cristo. Possuíam 352 ministros filiados em 1913.

Em abril de 1914, o grupo convocou todos os pentecostais para uma reunião em Hot Springs, no Arkansas. O propósito era: união, estabilidade, credibilidade do movimento e criação de um programa de missões e de institutos bíblicos. Foi assim que nasceu a denominação chamada Assembleia de Deus.<sup>20</sup>

Estudos posteriores demonstraram que na verdade, com esta nova denominação, estava-se concretizando uma profunda separação entre igrejas pentecostais de negros e brancos, os negros permanecendo com os antigos nomes, e os brancos, dissidentes, adotando o nome de Assembleia de Deus.

### **1.3 Proto-pentecostalismo no Brasil**

No Brasil, sucederam-se algumas tentativas de implantar o pentecostalismo, anteriores às iniciadas em 1910, que merecem destaque. Conforme Leonildo Campos<sup>21</sup>, três investidas foram feitas. A primeira esteve ligada a um padre convertido ao presbiterianismo, ordenado pastor em 1865, que se recusou a pastorear igrejas e passou a visitar comunidades

---

<sup>19</sup> CURTIS, et al., 2003, p. 205.

<sup>20</sup> CURTIS, et al., 2003, p. 205.

<sup>21</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim. (Ed.). **Na força do espírito – os pentecostais na América Latina**: um desafio às igrejas históricas. Trad. Júlio Zabetiero. São Paulo: Pendão Real, 1996. p. 83.

rurais, enfatizando a necessidade de uma “aproximação sentimental com Deus”. A segunda referiu-se a outro convertido ao presbiterianismo em 1874, Miguel Vieira Ribeiro, que abandonou sua igreja e fundou a Igreja Evangélica Brasileira, dando ênfase na iluminação interior e no recebimento de novas revelações de Deus. A terceira diz respeito à vidente Jacobina, imigrante alemã no Rio Grande do Sul, “que entrava em transe e recebia as revelações diretamente de Deus.” Este fato aconteceu entre 1873-74 e foi chamado de movimento “Mucker”. Outro caso, certamente o quarto, foi o de Pedro Graudim na cidade de Guaramirim (SC) já detalhado acima, porém sem muita notoriedade por ter envolvido menos de uma dezena de pessoas.

#### 1.4 Pentecostalismo no Brasil

Luigi Francescon, de confissão valdense, “imigrara da Itália para os Estados Unidos e recebeu o batismo com o Espírito Santo na Missão da Avenida Norte, de Willian H. Durham, em Chicago.”<sup>22</sup> Primeiramente passou a pregar aos imigrantes italianos nos Estados Unidos, em 1909 seguiu para a Argentina e em 1910 veio ao Brasil, fundando assim no Paraná e em São Paulo a Congregação Cristã no Brasil, entre os imigrantes italianos, a qual veio a ser a primeira igreja pentecostal a se instalar em terras brasileiras.

Dois missionários batistas de origem sueca de nome Daniel Berg, operário, e Gunnar Vingren, pastor, logo depois de passarem por uma experiência pentecostal, sob a influência de Durham, numa convenção de igrejas batistas reavivadas<sup>23</sup> na cidade de Chicago em 1910, receberam em

---

<sup>22</sup> OLIVEIRA, 2003, p. 58.

<sup>23</sup> HURLBUT, Jessé Lyman. **História da igreja cristã**. 5. ed. São Paulo: Vida, 1990. p. 231.

mensagem profética o nome “Pará”. Após consultarem uma biblioteca, verificaram que se tratava de um estado do Brasil. Sem apoio financeiro, tomaram um navio em Nova York em 5 de novembro de 1910 e aqui chegaram em 19 de novembro. Uniram-se a uma igreja batista de origem sueca, onde, após haverem aprendido o português, passaram a pregar sobre o pentecostes. Em 8 de junho de 1911, Celina Albuquerque, membro da igreja, recebe o pentecostes, em seguida com mais dezenove irmãos, são expulsos da igreja batista<sup>24</sup>, vindo a fundar em 18 de junho de 1911 a Missão de Fé Apostólica que em 1918 passa a se chamar Assembleia de Deus. Daniel Berg através do trabalho de colportagem bíblica leva a mensagem pentecostal ao interior do país, sendo seguido por Gunnar Vingren para organizar as igrejas fundadas. Em fevereiro de 1913, Absalão Piano<sup>25</sup> foi consagrado o primeiro pastor brasileiro deste movimento. Outros missionários suecos começaram a chegar a partir de outubro de 1914, sendo eles Otto e Adina Nelson. Após este início deu-se a expansão da Assembleia de Deus pelo país, auxiliado também por missionários norte-americanos que começaram a chegar a partir de 1921.<sup>26</sup> A historiografia da Assembleia de Deus omite o fato de que houve certa rivalidade entre missionários suecos e americanos. Suas ênfases eram contrárias em alguns aspectos.

---

<sup>24</sup> Existem algumas versões desta ruptura que na sua maioria são coincidentes com pequenas divergências entre si quanto à forma deste rompimento e a quantidade de pessoas envolvidas. As versões são as de Gunnar Vingren no livro *O diário do pioneiro*; de Daniel Berg no livro *Enviado por Deus*; de Daniel Berg no livro *Hedningen fran Vargön*, p. 40-41; e da Ata n. 222, do dia 13 de junho de 1911, da Igreja Batista de Belém - ARAUJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 35-39.

<sup>25</sup> OLIVEIRA, 2003, p. 67.

<sup>26</sup> OLIVEIRA, Joanyr de. **As Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1997. p. 37.

Os suecos enfatizavam a discriminação, a pobreza, a síndrome de marginalização<sup>27</sup>, o antiintelectualismo e a não institucionalização, ideias totalmente contrárias aos americanos. Quais ideias prevaleceram? Certamente hoje estão diluídas, porém pontualmente presentes.

Pelo fato dos fundadores da Assembleia de Deus terem conhecido o pentecostalismo nos EUA pouco antes de virem ao Brasil, não receberam influência institucionalizadora do movimento, conseguindo assim implantar um pentecostalismo quase autóctone, se adaptando, como em poucos países, aos ditames da cultura local, embora a liderança sempre tenha enfatizado o movimento como contracultural (na questão da ascese).

## 2 DISSONÂNCIAS DA ORALIDADE

O pentecostalismo está associado a oralidade<sup>28</sup> desde seus primórdios. O rompimento com a igreja batista, no início da Assembleia de Deus no Brasil, se dá pela oralidade pentecostal manifesta na glossolalia, associada a experiências de êxtase, com consequente mudança na forma de ver a

---

<sup>27</sup> Na Suécia o clero da igreja oficial estava muito distante dos anseios do povo e a igreja era fortemente institucionalizada, qualquer movimento ou igreja não oficial era marginalizado; isso abriu espaço para insatisfação e isolamento das classes mais pobres da sociedade da época, favorecendo a criação de comunidades não institucionalizadas, pois atrairiam atenção das autoridades. Quando os missionários suecos chegaram ao Brasil trouxeram este *ethos* sueco, que foi agravado por várias perseguições impostas pela liderança católica e em casos mais isoladas pelas próprias autoridades policiais, desta forma aceitaram com leniência a marginalização como cumprimento do texto de Mt 5.11: “Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por minha causa.” Para maiores informações sobre as perseguições consultar: BERG, Daniel. **Enviado por Deus**: memórias de Daniel Berg. 10. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. 208 p.; VINGREN, Ivar. **O diário do pioneiro**: Gunnar Vingren. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1982. 236 p.

<sup>28</sup> POMMERENING, Claiton Ivan. **Oralidade e escrita na teologia pentecostal**. *Azusa Revista de Estudos Pentecostais*. v. I, n. 1, jul 2010. Joinville: Faculdade Refidim, 2010. p. 23-62.

pregação, a Escritura, a fé, a piedade pessoal, etc. Este é o motivo da divisão, pois estas novas premissas não foram aceitas, sendo este o marco fundante da Assembleia de Deus. A glossolalia rompe paradigmas até então estabelecidos, isto aconteceu no dia de Pentecostes e também na divisão da Igreja Batista em Belém. Com isto surge no Brasil a divisão entre igrejas da Palavra e as igrejas do Espírito, compostas pelas igrejas protestantes históricas e pelas igrejas pentecostais, respectivamente, divisão esta percebida ainda hoje na forma como ambas se relacionam.

Registramos abaixo a opinião anônima de uma pessoa, que presenciou a divisão da igreja batista em Belém, dando destaque ao ambiente de tensão vivenciado naquela ocasião.

[...] o culto teve caráter pentecostal dirigido pelo irmão Plácido com o grupo pentecostal orientado pelos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg, provocando um vozeiro forte e irreverente dentro do templo e prejudicando aos que estavam acostumados orar em silêncio e íntima comunhão com Deus.<sup>29</sup>

Rupturas sempre foram marcas do pentecostalismo desde sua origem. A primeira ruptura do pentecostalismo moderno acontece quando Durham e Seymour entram em controvérsia por motivo das ações do Espírito Santo no crente. Uma linha pentecostal que seguia a Seymour argumentava que havia três ações: conversão, santificação e batismo. Durham entendia que a conversão e a santificação eram uma só etapa da conversão, este entendimento ficou conhecido como “obra consumada do Calvário” ou “obra acabada de Cristo”,<sup>30</sup> e é a que é aceita como doutrina da Assembleia

---

<sup>29</sup> ALMEIDA, Antonio. **80 anos construindo para a glória de Deus**. Ed. própria, [s.d.]. p. 55. In: CETRULO NETO, Francisco. **Os que semeiam chorando ceifarão com júbilo: a origem da igreja Assembléia de Deus em Belém**. 1995. 168 f. Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA, Universidade Federal do Pará, Belém. p. 23.

<sup>30</sup> ARAUJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 278.

de Deus no Brasil. Esta disputa fez com que Seymour excluísse Durham da Missão de Fé Apostólica, fazendo-o estabelecer-se definitivamente em Chicago.<sup>31</sup>

### 3 FATORES DE CRESCIMENTO

Martin N. Dreher salienta três funções sociais do pentecostalismo brasileiro, que conjuntamente, cooperam para seu crescimento. A função de **resignação**, compensando as aspirações e os conflitos em transfiguração simbólica. A de **resistência**, negando o “mundo, o sistema vigente e a opressão, ao afirmar que o mundo é do diabo,” devendo ser substituído por um sistema compensatório, considerando nocivos certos bens ou costumes. E, finalmente, a **mobilizadora**, como tentativa de ruptura com o *status quo*, integrando-se ao movimento de religiosidade popular.<sup>32</sup>

Dentre os inúmeros fatores que contribuíram para o crescimento do pentecostalismo, destacaremos alguns, a maioria relacionada a oralidade, assumida por este movimento, como seu impulso motor, proporcionando o ambiente propício para alcançar principalmente pessoas marginalizadas socialmente, fazendo-as sentirem-se incluídas e valorizadas através da expressão oral.

#### 3.1 Fatores externos

##### 3.1.1 Ciclo da borracha e migração para SP e RJ

De 1911 a 1950 o pentecostalismo não tem muita expressividade no Brasil, porém as duas grandes guerras mundiais aguçam a demanda por

---

<sup>31</sup> HOLLENWEGER, Walter J. **El pentecostalismo**: historia y doctrinas. Buenos Aires: La Aurora, 1976. p. 11.

<sup>32</sup> DREHER, Martin N. **A igreja latino-americana no contexto mundial**. 3. ed. v. 4. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 241-242.

borracha natural. Como o Brasil é um dos maiores produtores, grande contingente de migrantes<sup>33</sup> do Nordeste tem contato com o pentecostalismo, especialmente através do porto de Belém, onde acontecia o maior fluxo de pessoas. Com o declínio da extração e comércio da borracha, muitos destes migrantes voltaram para suas cidades de origem e levaram consigo a nova fé descoberta no desconforto das matas e na ausência dos familiares.

Cada crente que se desloca carrega consigo sua igreja para plantá-la no lugar onde vai morar. Não espera a construção de um templo, nem mesmo pela chegada de algum pastor. Estabelece o culto em sua própria casa, nas periferias das cidades ou vilas, ou mesmo na área rural.<sup>34</sup>

### 3.1.2 Explosão demográfica nas grandes cidades

Com o crescimento do ciclo migratório do nordeste na fuga da seca e por melhores condições de vida em São Paulo e Rio de Janeiro, bem como o surgimento da industrialização do Brasil, alguns trazem consigo o pentecostalismo, juntando-se assim aos marginalizados, desempregados ou de alguma forma excluídos, aos moradores destas cidades, onde são acolhidos, aceitos e compreendidos, passando a se conformarem com o sentimento de pertença, produzido pelo pentecostalismo como uma grande mãe.

Simples crente improvisa-se pastor. Jamais será repreendido por isso. Antes encorajado. É um agente da nucleação incipiente. Faz-se assim pastor na ausência deste, nucleando grupos. [...] a germinação de pequenos grupos, compostos de reduzidas pessoas (3, 5 ou 9), foi o processo de que, desde o início, lançou mão a

---

<sup>33</sup> Além da migração natural, o governo de Getúlio Vargas convoca os “soldados da borracha”, com status de militares que atuavam diretamente nas frentes de batalha, atraíu muitos jovens brasileiros. Longe de seus familiares e sua terra natal, encontraram refúgio no pentecostalismo que aflorava em Belém (PA) e no Norte do Brasil. Assim se deu a simbiose necessária ao pentecostalismo.

<sup>34</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 46.

Assembleia [de Deus] para sua rápida expansão. Foi o germe que fez os templos se multiplicarem quando este ramo pentecostal atravessava o Nordeste e outras regiões. [...].<sup>35</sup>

### 3.1.3 Anomia e ambiente de sofrimentos e buscas

Diversos intérpretes da presença pentecostal na sociedade brasileira têm recorrido ao conceito de anomia em suas análises. Quando uma sociedade não consegue ordenar a vida das pessoas, na medida em que os modernos processos de mudança se instalam, muitas delas são lançadas em uma condição de desregramento e forte desequilíbrio. Este processo é aquilatado quando sua tradicionalidade, suas crenças morais e religiosas são aniquiladas, sem fornecer novos valores. A partir da escola sociológica inaugurada por Durkheim<sup>36</sup> este processo passou a denominar-se anomia. Ele acrescenta ainda um sentimento de falta de objetivos ou de desespero, provocado pela vida social moderna, fazendo com que suas vidas cotidianas careçam de significado, resultando na perda da influência das normas sociais sobre o comportamento individual. A “sociedade aos poucos se desorienta, o sistema social se instabiliza e os centros de poder perdem a sua capacidade de articulação coletiva.”<sup>37</sup> Três são as formas em que ela pode se apresentar: descrédito e falência das normas vigentes; regulação social conflitiva, criando dificuldades para os indivíduos e grupos sociais; e desorganização pessoal, com individualidade desorientada, não se pautando por normas sociais”.<sup>38</sup> Instala-se assim a perda da capacidade dos indivíduos ordenarem a vida.

No Brasil vários fatores favoreceram a anomia: golpes militares e êxodo rural com processo de urbanização forçado. Atualmente é aquilatada

---

<sup>35</sup> ROLIM, 1985, p. 46.

<sup>36</sup> GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2005. p. 31, 562.

<sup>37</sup> DREFHAL, Harold. Crise e Anomia no Brasil. In: **Despertar ético**, Petrópolis: Vozes, vol. 54, fasc. 214, 1994. vol. 54, fasc. 214, p. 282.

<sup>38</sup> DREFHAL, 1994, p. 282.

pela concentração de renda, desemprego, miséria e fome, subnutrição, marginalização, violência, falta de confiança nas instituições, escândalos políticos, ascensão de grupos armados com poder paralelo, falta de sentido para a vida, etc.<sup>39</sup> O pentecostalismo exige uma postura radical de mudança de vida para os que sofrem o prejuízo de um contexto social marcado por anomia, pois gera um marco de inclusão social e ordenação da vida. Além destes, conforme salienta Cecília Mariz<sup>40</sup>, gera-se a experiência de poder e a criação de uma nova identidade a pessoas que provêm de “extrema pobreza, de marginalização cultural e material [...], alcoolismo, desemprego, abandono pelo companheiro”.

As pessoas buscam sentido para si diante da exclusão social e dos benefícios da “civilização contemporânea” a que são submetidas. “Milhões de pessoas são assim transformadas em objetos inservíveis ou descartáveis”.<sup>41</sup>

O pentecostalismo teve sua matriz teológica formatada em contextos de pobreza, inicialmente alicerçados em ciclos migratórios e posteriormente em periferias urbanas marginalizadas, influenciados pela distância da terra natal e parentes próximos, ausência do estado em suprir necessidades básicas e num ambiente de sofrimento e busca. Esta realidade ainda se faz presente. Em pesquisa realizada pelo IBGE,<sup>42</sup> levando em conta o

---

<sup>39</sup> DREFHAL, 1994, p. 286-297.

<sup>40</sup> MARIZ, Cecília Loreto. Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim. **Na força do espírito** – os pentecostais na América Latina: uma desafio às igrejas históricas. São Paulo: Associação Literária pendão real, 1996. p. 175.

<sup>41</sup> GUTIERREZ, Gustavo. Situação e tarefas da teologia da libertação. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **Sarça ardente: teologia na América Latina: prospectivas**. (?): Soter/ Paulinas, (?). p. 70.

<sup>42</sup> IBGE. **Os 10% mais ricos gastam dez vezes mais que os 40% mais pobres**. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=961](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=961). Acesso em: 06 set. 2007.

rendimento médio mensal familiar, segundo a religião da pessoa de referência da família, aponta o fato de que as de origem pentecostal apresentam os menores rendimentos, em relação às demais religiões.

A experiência do poder do Espírito Santo, com sua ênfase na expressão oral dos sentimentos, “é uma resposta ao sofrimento”.<sup>43</sup> Esta experiência traz esperança de um futuro melhor, não apenas pela racionalidade da cultura oral em ordenar a vida, ou pela contabilidade de cortar gastos com vícios e outras formas de desperdício, proporcionada pela “crença religiosa e melhora material como resultado de um novo estilo de vida”, mas também pela “substituição da razão pelo mito”<sup>44</sup> que pode fazer com que o pobre encontre “soluções para os seus problemas,” como afirma Max Weber.<sup>45</sup> Neste sentido há um paradoxo, não excludente, entre racionalidade da cultura oral e sua mitologia emotiva.

O pentecostalismo aparece como uma resposta à necessidade do povo em criar e ordenar contextos simbólicos próprios para dar sentido à realidade e para ordenar a conduta na vida cotidiana.<sup>46</sup>

Paradoxalmente, também, percebe-se a grande força da Assembleia de Deus em pequenos núcleos rurais que não atravessaram as dificuldades

---

<sup>43</sup> CESAR, Waldo; SCHAULL, Richard. **Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs**. Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1999. p. 11.

<sup>44</sup> Mito. Em qualquer cultura o mito é uma realidade complexa. Mas poder-se-ia afirmar que é a eclosão dramática do sagrado na história individual da pessoa e consequente alteração em sua maneira de enxergar a vida, tornando-se “modelo exemplar de todas as actividades [sic] humanas significativas.” Pode ser ainda mais abrangente quando se vêem muitos pentecostais perpetuando, as histórias heróicas de seus fundadores ou o zelo ferrenho para proteger alguns dogmas implantados pelos primitivos fundadores, tomando como base o texto de Provérbios 22.28: “Não removas os limites antigos que teus pais fixaram.” Isto porque “conta como algo começou a existir, ou como um comportamento, uma instituição [...] foram fundados.” ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1963. p. 12-24.

<sup>45</sup> MARIZ, Cecília. **Religion and Coping with in Brazil**. Tese de doutoramento, Boston University, 1989. p. 11-13. In: CESAR; SCHAULL, 1999, p. 49.

<sup>46</sup> CAMPOS; GUTIERREZ, 1996, p. 54.

acima expostas. Goiás, por exemplo, é um estado agrícola e ao mesmo tempo com alto índice de evangélicos. Este mesmo paradoxo se verifica quando o pentecostalismo atrai também classes sociais mais elevadas. Certamente que uma explicação provável a estes paradoxos esteja na oralidade, pois é nela que acontece a unidade através da linguagem, produzindo-se um sentimento de comunidade e rompimento das barreiras culturais.<sup>47</sup> Deste modo, a resposta pentecostal serve também a uma classe social mais elevada porque estimula processos de modernização e o consequente crescimento da classe média.<sup>48</sup>

A opção dos pobres pelo pentecostalismo, conforme Cecília Mariz<sup>49</sup>, tem sido criticada pelos intelectuais de forma equivocada, pois, dizem eles, a fé assume contornos de exploração psicológica e monetária por parte dos pastores, isto significaria dizer que o pobre não sabe escolher o que é melhor para ele. A autora argumenta que não cabe às camadas intelectualizadas escolherem a crença para o resto da população pobre, pois isto caracterizaria autoritarismo.

### 3.1.4 Limitação à oralidade em católicos e protestantes tradicionais

O pentecostalismo surge como “resposta a incapacidade, por parte de católicos e protestantes, de dominarem e mobilizarem as massas”<sup>50</sup>,

---

<sup>47</sup> CAMPOS, Bernardo. **Experiencia del Espíritu**: claves para una interpretación del pentecostalismo. Quito: Clai, 2002. p. 145.

<sup>48</sup> DROOGERS, André. Visiones paradójicas sobre una religion paradójica. In: BOUDEWIJNSE, Barbara; DROOGERS, André; KAMSTEEG, Frans (Orgs.). **Algo mas que opio**: uma lectura antropológica del pentecostalismo latinoamericano y caribeño. San José, Costa Rica: DEI, 1991. p. 24.

<sup>49</sup> MARIZ, Cecília Loreto. Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: CAMPOS; GUTIERREZ, 1996. p. 169-170.

<sup>50</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990. p. 253.

atingindo amplos setores da população que, com frequência, indicavam sentirem-se “abandonadas” pelas religiões cristãs tradicionais. Atribui-se muito desta sintonia com os anseios destas pessoas, o fato de os pregadores de igrejas pentecostais esforçarem-se no sentido de falar a sua linguagem. Esta linguagem se torna linguagem de fato quando o pentecostalismo consegue fazer da oralidade sua maior força de expansão e expressão, pois não necessita de elaboração teológica refinada, transmitindo seus valores ou suas ênfases através da simplicidade da fala.

Os pentecostais tinham algo a oferecer, algo que fez vibrar pessoas letargadas pela monotonia e desesperança de sua existência. [...] Sua vida foi transformada, seu horizonte foi ampliado; a vida cobrou um significado dinâmico. A realidade de Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo – que não passavam de termos sentimentais ligados ao ritual e ao folclore – cobraram novo significado, tornaram-se meios pelos quais se comunicavam luz, força e esperança ao espírito humano. Elas se transformaram em pessoas com um propósito para viver.<sup>51</sup>

Numa pesquisa efetuada pela socióloga Sílvia Regina Fernandes, constatou-se que a evasão das igrejas tradicionais, especialmente do catolicismo, se dá pelo fato dos fiéis não terem encontrado apoio para os momentos difíceis.<sup>52</sup> Todavia foi o catolicismo popular que preparou o povo para receber o pentecostalismo, pois, dois terços dos fiéis provêm do catolicismo.<sup>53</sup>

A forte hierarquização que o catolicismo propõe no final do século XX e início do século XIX, fez com que a religiosidade popular perdesse

---

<sup>51</sup> Latin América and Revolution-II: The New Mood in the Churches, *The Christian Century*, p. 1.439, 24 nov. 1965. In: BONINO, José Míguez. **Rostos do protestantismo latino-americano**. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 53-54.

<sup>52</sup> PEREIRA, Camila Pereira; LINHARES, Juliana. Os novos pastores. **Revista Veja**, São Paulo, n. 27, 12 jul. 2006. p. 78.

<sup>53</sup> BOUDEWIJNSE, DROOGERS, KAMSTEEG, 1991, p. 29.

seus líderes leigos e sua força. Neste sentido, o pentecostalismo é mais uma forma de continuidade das expressões da religiosidade popular,<sup>54</sup> bem como uma “reação à incapacidade do catolicismo e do protestantismo de recuperarem e manterem um lugar para Deus na vida humana”.<sup>55</sup> “Pessoas angustiadas ou em grande aflição e os cansados com a mesmice de sua rotina religiosa onde nada refrescante acontece, se predispõe a uma mudança radical”.<sup>56</sup>

O pentecostalismo “em lugar do saber racional, propunha a crença interiorizada [;], em vez da distinção entre letrados e não-letrados, a igualdade de todos pelo acesso à efusão do Espírito”<sup>57</sup>, fazendo com que todos se sintam incluídos e aceitos, sendo a oralidade o ponto em comum, mesmo entre ricos e pobres.

### 3.1.5 Falar de Deus e falar a Deus

Neste aspecto as igrejas históricas tradicionais e as igrejas pentecostais têm em comum o fato de estarem falando do mesmo Deus, porém divergem da forma como se dirigem ao mesmo. Enquanto naquelas se fala de Deus, ou seja, tenta-se elaborar um discurso baseado na pessoa da divindade, tendo como fonte do discurso a racionalidade escrita, nestas o indivíduo, além de ouvir falar dEle, pode conversar com Ele e se expressar de forma

---

<sup>54</sup> CETRULO NETO, Francisco. **Os que semeiam chorando ceifarão com júbilo**: a origem da igreja Assembléia de Deus em Belém. 1995. 168 f. Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA, Universidade Federal do Pará, Belém. p. 147.

<sup>55</sup> MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 254.

<sup>56</sup> LISBOA, Ageu Heringer. O pentecostalismo visto por um psicólogo. **Revista da cultura teológica**, São Paulo, ano IV, n. 16, jul/set 1996, p. 47-51.

<sup>57</sup> ROLIM, Francisco C. **Religião e classes populares**. p. 140. In: CETRULO NETO, Francisco. **Os que semeiam chorando ceifarão com júbilo: a origem da igreja Assembléia de Deus em Belém**. 1995, 168 f. Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA, Universidade Federal do Pará, Belém. p. 149.

livre na “racionalidade” oral. O monólogo das igrejas que falam “de Deus”, se transforma em diálogo entre o indivíduo e o Espírito, nas igrejas que falam “a Deus”.<sup>58</sup>

Não há espaço para a passividade, como acontece com o protestantismo histórico e o catolicismo, pois este culto é classificado como maçante e pouco atrativo, não permitindo a interação individual, o expressar e extravasar de sentimentos, nem o encontro com o divino num contato pessoal. “A gente sai de lá como entrou”, é o que diz a maioria dos que migram para o pentecostalismo, ou seja, falta o espaço para a oralidade individual.<sup>59</sup>

### **3.1.6 Mentalidade cultural do espiritualismo**

Pessoas com baixo nível de escolaridade têm dificuldade para se adaptar à liturgia cúlrica das igrejas cristãs tradicionais, pois se prioriza a reflexão e a racionalidade, dando pouco espaço para expressões de oralidade por parte dos fiéis. Esta racionalidade faz com que os que não tenham acesso a ela, clamem por algo que lhes satisfaça; surge assim uma mentalidade aberta ao místico que se transforma em reação antiintelectual. A oralidade pode, em algumas circunstâncias, estar associada com o misticismo; certamente ambos conduzem “à fuga da vida pela imersão no sagrado”.<sup>60</sup> Esta postura de abertura ao espiritual é base da inserção dos pobres no pentecostalismo, pois permite abertura para o sobrenatural da divindade. As pessoas em situação de anomia encontram neste espaço místico a realização de seus anseios e da necessidade de afirmação e

---

<sup>58</sup> CESAR; SCHAULL, 1999, p. 81.

<sup>59</sup> Não é que não haja oralidade nas demais igrejas, o que não há é o espaço para o indivíduo manifestar esta oralidade, ela se restringe apenas ao líder da comunidade e aos momentos litúrgicos coletivos formais.

<sup>60</sup> MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 240.

inserção, pois nele todos são acolhidos indistintamente, fazendo parte assim da comunidade mística. Produzem-se assim formas “coloridamente místicas de vivência, tanto individuais como coletivas”.<sup>61</sup>

Logicamente que esta abertura ao espiritual tem também bases num sincretismo em andamento, “unindo tradições católicas romanas, africanas e indígenas, temperadas com um linguajar pentecostal de origem protestante”.<sup>62</sup>

## 3.2 Fatores internos

### 3.2.1 Êxtase: corpOralidade e espirit(D)ualidade

Na Idade Média o que proporcionava o êxtase geralmente era o silêncio contemplativo. No pentecostalismo ele está, em grande parte, associado à oralidade, ou seja, o indivíduo se expressa na música, na oração ou na pregação e a partir disto manifesta o êxtase.

Para compreender o êxtase no pentecostalismo, faz-se necessário diferenciar entre possessão e êxtase. A primeira se refere a quem tem o corpo “invadido ou tomado por alguma entidade espiritual”<sup>63</sup> de forma intrusa, invocada ou não, provocando reações descontroladas. O êxtase é um estado consciente da razão e dos sentimentos, porém alterados pela contemplação da presença do divino, levando o indivíduo ao enlevo, arroubo, encanto ou admiração de coisas sobrenaturais; ficar pasmo e assombrado são fenômenos que podem ser observados “na histeria e nos

---

<sup>61</sup> MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 241.

<sup>62</sup> CAMPOS; GUTIERREZ, 1996, p. 93.

<sup>63</sup> MAUÉS, Raymundo Heraldo. “**Bailando com o Senhor**”: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012003000100001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012003000100001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 07 jun. 2007.

delírios místicos, e que consiste em sentimento profundo e indizível que aparenta corresponder a enorme alegria”.<sup>64</sup>

[...] o “transe de inspiração” caracteriza o pentecostalismo, especialmente no que diz respeito à glossolalia. “No [...] xangô], o possuído muda de personalidade, no sentido de que ele se transforma na divindade; no [...] pentecostalismo], o indivíduo conserva sua personalidade, mas é cercado (investi) pela divindade que, ao dominá-lo, faz dele seu porta-voz”.<sup>65</sup>

Paul Tillich<sup>66</sup> faz distinção semelhante ao afirmar que o êxtase, ao contrário da possessão, não nega a estrutura humana, não a desvaloriza e nem a destrói, antes se manifesta aquilatando a estrutura racional e emocional do ser, pois Deus não precisa destruir sua própria criação para manifestar-se nela. O autor faz também distinção entre o êxtase proporcionado pelo Espírito do proporcionado pela intoxicação religiosa, cujo critério de discernimento é a criatividade manifestada no primeiro e a ausência dela no segundo.<sup>67</sup>

O termo “êxtase” (“estar fora de si mesmo”) aponta para um estado de espírito que é extraordinário no sentido de que a mente transcende sua situação habitual. O êxtase não é uma negação da razão; é um estado mental em que a razão está além de si mesma, isto é, além da estrutura sujeito-objeto. Ao estar além de si mesma, a razão não nega a si mesma.<sup>68</sup>

---

<sup>63</sup> MAUÉS, Raymundo Heraldo. “**Bailando com o Senhor**”: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012003000100001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012003000100001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 07 jun. 2007.

<sup>64</sup> CAMPOS; GUTIERREZ, 1996, p. 93.

<sup>65</sup> AUBRÉE, M. 1996 Transe: entre libération de l’inconscient et contraintes socioculturelles. In: GODELIER, M. & HASSOUN, J. (orgs.) **Meurte du Père, sacrifice de la sexualité: approches anthropologiques et psychanalytiques**. Paris, Arcanes, p. 175. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo. “**Bailando com o Senhor**”: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012003000100001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012003000100001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 mai. 2007.

<sup>66</sup> TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. Trad. Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 570.

<sup>67</sup> TILLICH, 2005, p. 575.

<sup>68</sup> TILLICH, 2005, p. 124.

O êxtase tem sido um dos grandes atrativos do pentecostalismo, pois tem possibilitado através dele, associado à oralidade, que o indivíduo mais simples e inculto possa ter voz ativa e ser ouvido ao receber o batismo no Espírito Santo e demonstrar “inspirações pessoais, dons espirituais extraordinários, revelações individuais e o conhecimento de mistérios esotéricos”.<sup>69</sup>

A superexcitação religiosa muitas vezes é confundida com o êxtase, sua diferenciação se dá pelo fato do primeiro ser marcado pela superficialidade, cujos resultados sempre serão subjetivos, enquanto no êxtase o resultado tem a ver com o poder revelador daquilo que preocupa ultimamente.<sup>70</sup> Neste caso o que se manifesta são os sentimentos mais interiores que extravasam em expressões orais e corporais. Do ponto de vista psicológico este estado também é necessário e aponta para um caráter curativo de traumas.

Emoção e êxtase são estados psicológicos relativamente dependentes entre si. Ambos poderão ser oriundos da oralidade ou conduzir a ela. Mas parece que ambas estão em um estágio intermediário entre a oralidade produzida pelo outro (o pastor, profeta ou cantor), que “mexe” com as emoções do ouvinte, que por conseguinte se expressa oralmente, obviamente, através da glossolalia, da oração, do cântico, dando “glórias”<sup>71</sup>, etc.

O pentecostalismo é conhecido como a religião da emoção. Esta característica é oriunda da contribuição wesleiana a este movimento religioso.

---

<sup>69</sup> TILLICH, 2005, p. 125.

<sup>70</sup> TILLICH, 2005, p. 124-125. O autor usa o termo ‘preocupação última’ referindo-se a angústia da vacuidade e do destino, abordadas em seu livro: TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

<sup>71</sup> São expressões de louvor a Deus utilizadas espontaneamente no culto pentecostal.

Ela reside na sua concepção [de John Wesley] de religião como experiência de encontro com Deus. “[...] Essas coisas devem ser sentidas, sem isso, elas não querem dizer nada. Os que condenam os sentimentos interiores não deixam espaço para a alegria, para o amor e para a paz dentro da religião e conseqüentemente a reduzem a uma coisa morta.” Wesley reabre aos sentimentos um espaço dentro da fé. Ele reata assim com a tradição do pietismo, que acentuava igualmente o lado sentimental da religião.<sup>72</sup>

### 3.2.2 Triunfalismo pentecostal

As expressões de triunfalismo, presentes no pentecostalismo, são compreensíveis pelo fato de que seus adeptos são pessoas, na maioria das vezes, originariamente marginalizadas que encontram neste meio a forma para expressar seus anseios de libertação. Tais expressões geralmente são encontradas nos cânticos e nas pregações e têm por objetivo impactar os ouvintes e convencê-los quanto à relevância do conteúdo daquilo que está sendo dito.

Tua vida vai ser dolarizada pela fé. Olha quanta nota, é só isso que vai ter na sua vida. (trecho da preleção de um pastor num culto de empresários. O tema da reunião foi “Meus projetos para 2004 serão todos em dólar”).<sup>73</sup>

Demônio aqui dentro não pode ficar, pois o varão de fogo acabou de chegar.<sup>74</sup>

Aqui tem glória [repete-se sete vezes], é a tua vitória, tua vitória chegou.<sup>75</sup>

Estas expressões encontram “eco” na expansão do mercado fonográfico evangélico, promovido por gravadoras “seculares”,

---

<sup>72</sup> WESLEY, John, *The Journal*, Londres, 1879, vol. II: 417, citado por Brandt-Bessire, 1986:51. Apud: CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 52.

<sup>73</sup> **Vidanet**. Boletim Eletrônico. São Paulo: Vida, n. 210.

<sup>74</sup> Cântico de um Compact Disc gravado pela cantora evangélica Lauriete.

<sup>75</sup> Cântico de um Compact Disc gravado pelo cantor evangélico Jorge Macedo.

<sup>76</sup> Em 2002 existiam 96 gravadoras, 1000 artistas e bandas, 5 CD's eram lançados por mês e um faturamento de 200 milhões de reais por ano. VEJA. A força do Senhor. São Paulo: Abril, n. 1758, 03 de julho de 2002, p. 90.

interessadas neste crescente nicho de mercado<sup>76</sup>, acessível a pessoas de baixa renda, as quais muitas vezes são levadas a adquirir estas obras com sacrifícios pessoais, por representarem uma esperança em meio à situação de desolação social. Criam assim o sentido de que a palavra falada ou cantada tem poder.<sup>77</sup>

Utilizam-se epítetos de exagero, como, por exemplo, quando quer se dizer da importância de determinada reunião de culto, referem-se a ela como “grande culto”, ou para se referir ao céu como “a gloriosa cidade”. No dizer de Ong<sup>78</sup>: “soldados são sempre valentes, princesas são sempre belas e carvalhos são sempre robustos”. Estimula-se o excesso, a loquacidade, o tom agonístico (luta pela vida), a expressão exagerada de louvor, o triunfalismo. Vive-se numa constante tensão escatológica que aniquila o passado ruim e cria um novo presente cheio de alegria e realizações. “Vivem na expectativa daquilo que irrompe milagrosamente e se apresenta subitamente”.<sup>79</sup> Isto gera esperança e desejo de mudança.

### 3.2.3 Possibilidade do milagre imediato

Para pessoas que provêm de uma situação social marcada pela anomia, como acima relatado, a possibilidade de um milagre ocorrer em sua vida, causa grande atração, pois a vida já lhes reservou tantas frustrações, que são levadas a apegarem-se a promessas dos líderes e aguardar que o mesmo testemunho oralizado pelo “irmão na fé” aconteça também com ele. A dispensa da mediação com o divino e a alegria que muitos dizem sentir ao

---

<sup>77</sup> CÉSAR; SHAULL, 1999, p. 76.

<sup>78</sup> ONG, Walter Jackson. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998. p. 50.

<sup>79</sup> ÁLVAREZ, Carmelo. **Panorama histórico dos pentecostalismos latino-americanos e caribenhos**. In: CAMPOS; GUTIERREZ, 1996. p. 45.

frequentarem os cultos pentecostais ao ouvirem a pregação e os cânticos se transformam no milagre imediato da presença divina. Se ela está tão disponível assim, então a cura de alguma doença, libertação de um familiar preso às drogas ou a melhoria na vida financeira poderão acontecer de uma hora para outra.

### **3.2.4 Autoridade hierárquica**

A retórica dos pastores pentecostais enfatiza a liderança como divinamente instituída, portanto, merecedora de obediência e respeito. Imprecações são uma constante quando surge alguma insurgência. Esta característica está impregnada na quase maioria dos fiéis, de tal forma que qualquer discordância com a ideia da liderança poderá ser vista como rebeldia e merecedora de castigo, inclusive divino.

Esta autoridade tem servido para uma aparente coesão em algumas igrejas pentecostais, mas tem também servido à difusão de muita conversa maliciosa, boataria e acusações. Tem servido também para proporcionar adesão de pessoas em busca de alguma autoridade que viesse ordenar sua vida, pois já tentaram por todas as formas acertar, mas foram ineficazes. Neste ambiente de autoridade, os projetos pessoais de ordenação da vida serão encarados como obrigatórios e, portanto, realizáveis.

Como o pentecostalismo ligado à Assembleia de Deus surgiu em meio ao ciclo da borracha, assimilou boa parte do coronelismo presente nas fazendas de borracha no norte e de outros cultivos no nordeste brasileiro, maneira utilizada para manter a obediência em ambientes inóspitos. Esta explicação também é uma das explicações válidas para o antiintelectualismo que permeou o início do pentecostalismo e ainda hoje se vê em alguns lugares, pois a cultura letrada poderia levar a uma desobediência deliberada. O coronel não permitia o letramento de seus “empregados”, porque entendia que os que aprendessem a escrita criariam

problemas quanto à submissão, logo, certamente esta é uma das reminiscências na Assembleia de Deus quanto a não necessidade do estudo formal, especialmente o teológico.<sup>80</sup>

Nas apresentações de cânticos e outras formas orais de expressão, como a coreografia, inconscientemente tem-se valorizado o militarismo, com sua hierarquia e obediência irrestrita, como um paralelo com o pentecostalismo. Para aqueles que vivem em meio a insegurança da anomia, a autoridade é necessária para restituir-lhes a segurança.

Esta autoridade é transferida ao crente, segundo Leonildo Campos<sup>81</sup> pela ênfase pentecostal na “retórica militarista”, com o emprego de palavras transformadas em armas de guerra, na luta contra os demônios, secularismo, cultos mágicos, bruxarias, catolicismo e em linguagem mais branda contra outras igrejas pentecostais e tradicionais. Neste sentido o fiel também tem autoridade e pode exercê-la, porém contra demônios e situações desagradáveis da vida. Cada crente pode conseguir *status* religioso, pode tornar-se pastor, pode ensinar e curar.<sup>82</sup> Todos têm poder. Percebe-se uma linha muito tênue que separa o poder do Espírito para inclusão e afirmação social e o poder pessoal para se sobressair ou manipular os demais.

É uma recuperação do poder perdido socialmente, uma vez que a sua relação com a sociedade abrangente é de subordinação e marginalização. Como essa recuperação do poder não se estende à

---

<sup>80</sup> Outros fatores que levaram ao desprezo dos estudos, e que foram assimilados pelos implantadores do pentecostalismo no Brasil, foram: 1) os movimentos de santidade e os pentecostais da Europa e EUA, enfatizaram que o estudo acadêmico e a intelectualidade gerariam esfriamento espiritual e assim afastariam a operação do Espírito Santo; 2) a ênfase pentecostal no arminianismo, ou seja, a decisão da vontade humana para a salvação e a *parousia* (segunda vinda de Cristo) quase imediata, criaram a ideia de seria “perda de tempo” estudar, pois a necessidade era o evangelismo do maior número de pessoas num curto espaço de tempo. Ainda é comum ouvir-se a frase: “Vamos esvaziar o inferno e encher o céu.”

<sup>81</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio e Umesp, 1999. p. 312.

<sup>82</sup> DREHER, 1999, p. 243.

sociedade, [...] ela se manifesta no reconhecimento da congregação através de prestígio e acesso às lideranças. Ao menos num universo restrito a recuperação do poder é real.<sup>83</sup>

### 3.2.5 Ascese<sup>84</sup> como marco de inclusão social

Após quase cem anos de pentecostalismo no Brasil, ainda existe uma grande maioria de pentecostais que defendem a ascese como fator de santificação pessoal. Mas porque tal prática tem tido tanto sucesso?

---

<sup>83</sup> MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 247.

<sup>84</sup> Ascese refere-se a todo aparato pentecostal de observância de regras dos usos e costumes, tanto na espiritualidade quanto na vida pessoal. Este item da pesquisa se deteve na ascese pessoal demonstrada nas vestimentas, maquiagem e formas de pentear os cabelos. Neste sentido as mulheres devem evitar usos de embelezamentos que chamem a atenção para sua feminilidade, não devem usar calças compridas, o cabelo deve ser penteado de forma simples, os homens devem usar calças compridas e ter os cabelos curtos. Tal observância é baseada na autoridade bíblica de textos tomados fora de seu contexto cultural. No site da CGADB (Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil) consta uma lista onde “reafirma o seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrina na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta Obra no Brasil.” Nesta lista, elaborada por ocasião da 22ª Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, reunida na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, (não se menciona a data), pede-se para que as igrejas [sic] se abstenham de: “uso de cabelos crescidos, pelos membros do sexo masculino; uso de traje masculino, por parte dos membros ou congregados, do sexo feminino; uso de pinturas nos olhos, unhas e outros órgãos da face; corte de cabelos, por parte das irmãs (membros ou congregados); sobrancelhas alteradas; uso de mini-saias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã; uso de aparelho de televisão – convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas; abstenção essa que justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde; e uso de bebidas alcoólicas.” Paradoxalmente no mesmo texto onde constam as normas acima também se afirma que o costume é humano, local e temporário. Numa tentativa de atualizar a relação de abstenções acima descritas, a Comissão de Doutrinas da CGADB atendendo parecer do Conselho Consultivo da CGADB encaminhou ao 5º ELAD (Encontro de Líderes da Assembléia de Deus), em 25 de agosto de 1999, a seguinte relação de abstenções: “ter os homens cabelos crescidos (1 Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes; as mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1 Tm 2.9, 10); uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos- (Lv 19.28; 2 Rs 9.30); uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (1 Co 11.6, 15); mal uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone (1 Co 6.12; Fp 4.8); e uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.18).” Disponível em: <http://www.cgadb.com.br/sobreCgadb/posicaoSobre/usuariosCostumes.html>. Acesso em: 07 jun. 2007.

Essa rejeição ao mundo organizado, essa aparente alienação, que assume contornos de rigorismo ético (não beber, não fumar, manter-se puro, etc.) e de “sociedades alternativas” à sociedade real não é nada mais do que uma resposta à marginalização da qual são objeto por parte das sociedades religiosas predominantes e dos grupos de poder econômico e político.<sup>85</sup>

Os pentecostais que observam os usos e costumes fortalecem sua dignidade pessoal ao construírem “uma nova identidade, mantendo a aparência de pessoa decente ou ‘gente de bem’”.<sup>86</sup>

As pessoas, oriundas de um contexto de anomia social, precisam ordenar sua vida e necessitam de formas estéticas e exteriores para organizarem-se. Para tanto, a ascese tem servido como uma prática para forçar o indivíduo a mostrar exteriormente uma profunda mudança de paradigmas, ainda que para isto se aproprie de uma contracultura. Líderes leigos têm se apropriado do discurso da ascese para preservar uma oralidade desprovida de fundamentação teórica concreta, defendendo-a com zelo apaixonado, em alguns casos enfatizando-a mais do que o batismo no Espírito Santo e a glossolalia.

Muitos conflitos têm surgido desde o início entre líderes que defendiam a ascese e os que achavam que poderia haver um relaxamento deles, conflito este que tem levado a criação de novos grupos pentecostais dissidentes.

[A] relação [com] como (sic) os Estados Unidos será aceita devido ao poderio econômico, não obstante a sua “falta de doutrina” pois que “os suecos têm a doutrina e os americanos os dólares” afirma um líder da Igreja Assembleia de Deus brasileira.<sup>87</sup>

A ascese também tem sido um dos grandes motivos de divisões entre os pentecostais. As dissidências tendem a ser mais radicais na observância dos

---

<sup>85</sup> CAMPOS M., Bernardo L. **Na força do Espírito**: pentecostalismo, teologia e ética social. In: CAMPOS; GUTIERREZ, 1996, p. 54.

<sup>86</sup> MARIZ, Cecília Loreto. Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: CAMPOS; GUTIERREZ, 1996. p. 175.

<sup>87</sup> FRESTON, Paul (Org.). **Marxismo e fé cristã**: o desafio mútuo. São Paulo: A.B.U., 1.988. p. 85. In: CETRULO NETO, Francisco. **Os que semeiam chorando ceifarão com júbilo**: a origem da igreja Assembléia de Deus em Belém. 1995. 168 f. Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA, Universidade Federal do Pará, Belém. p. 27. O autor não menciona o nome do líder que proferiu esta frase.

costumes, enfatizando-se a correta “doutrina” e a “santidade”, geralmente em contextos de maior pobreza, e os mais liberais que compreendem que este assunto não é importante, entre camadas sociais mais esclarecidas e elitizadas.

Extirpados os prós e contras desta prática, percebe-se que tal observância tem contribuído de forma positiva para atrair os pobres à igreja, porém, não tem servido para conservá-los. Estima-se que, segundo dados do IBGE, “uma igreja de 10 anos que manteve média de 200 membros viu passar por seu rol o dobro desse número. Isto é, 400 pessoas que passaram por essa igreja”<sup>88</sup> e a abandonaram, ocasionando assim grande volatilidade de membros nas igrejas pentecostais.

### 3.2.6 Laicato

Acredita-se que 90% dos líderes das igrejas pentecostais sejam leigos<sup>89</sup>, assim permitem proporcionar identidade e empatia com quem chega de classes sociais mais baixas. O fiel não só se sente aceito por um líder que “fala sua linguagem”, mas também se esforça para evangelizar e arrebanhar o maior número de pessoas, pois, desejosos de expandirem sua igreja, divulgam oralmente a mensagem.

Seu dinamismo está na iniciativa de cada crente. Nenhuma programação ou planejamento antecipadamente traçado. Fica ao sabor das circunstâncias e aos cuidados de cada um. Não vem de cima para baixo. Brota da base. É informal. Em torno de algum crente ou pastor não faz diferença, ela é no começo simples reunião de não crentes, curiosos ou desejosos de conhecerem a Bíblia. Muitas casas de crentes foram a matriz da nucleação. Na moradia simples a leitura

---

<sup>88</sup> MONTANINI, Luiz. **Trinta milhões de crentes feridos estão esquecidos nas trincheiras**. Disponível em: <http://www.jornalhoje.com.br/100hoje/newfiles/jhdesviados240903.php>. Acesso em: 07 jun. 2007. Estes dados certamente carecem de fundamentação científica.

<sup>89</sup> Liderança leiga são pastores e líderes que não tiveram acesso a uma formação teológica formal, em boa parte também não completaram a Educação Básica. Este quadro, porém já toma outra conotação com a criação de vários seminários teológicos pelo Brasil, alguns reconhecidos pelo Ministério da Educação com cursos superiores. Entretanto não é exigido curso teológico em alguns casos para se tornar pastor.

da Bíblia atraía os vizinhos. E o interesse despertado levava a um novo encontro. Cânticos, leitura de textos, pregação despertando o sentimento, criando consenso. Aglutinando. O povo simples que na época não tinha ocasião de escutar em sua cultura oral as narrações bíblicas, tinha diante dos olhos o fato novo: gente simples lendo ou contando para ele episódios da Bíblia.<sup>90</sup>

Com as formas anteriormente analisadas o pentecostalismo tem se estabelecido no Brasil de forma impetuosa. Percebe-se o forte viés oral presente na maioria destas formas. Mas: como a oralidade formata o pensamento e a teologia pentecostal? Qual o espaço ocupado pela cultura escrita nesta teologia? Haveria possibilidade de uma teologia pentecostal oral em convivência com a escrita?

## REFERÊNCIAS

ALISTER, Robert Mc. **A experiência pentecostal**. Rio de Janeiro: Igreja de Nova Vida, 1977.

ARAUJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BONINO, José Míguez. **Rostos do protestantismo latino-americano**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

**Azusa Revista de Estudos Pentecostais**. v. I, n. 1, jul. 2010. Joinville: Faculdade Refidim, 2010.

BOUDEWIJNSE, Barbara; DROOGERS, André; KAMSTEEG, Frans (Orgs.). **Algo mas que opio: uma lectura antropológica del pentecostalismo latinoamericano y caribeño**. San José, Costa Rica: DEI, 1991.

CAMPOS, Bernardo. **Da reforma protestante à pentecostalidade da Igreja**. Sinodal/CLAI, 2002.

\_\_\_\_\_. **El post pentecostalismo: renovación del liderazgo y hermenéutica del Espíritu**. Disponível em: [http://www.pectii.org/cyberj/cyberj13/bernado.html#\\_Toc57341950](http://www.pectii.org/cyberj/cyberj13/bernado.html#_Toc57341950). Acesso em: 17 jan. 2008.

\_\_\_\_\_. **Experiencia del Espíritu: claves para una interpretación del pentecostalismo**. Quito: Clai, 2002.

---

<sup>90</sup> ROLIM, 1985, p. 46.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio e Umesp, 1999.

\_\_\_\_\_; GUTIERREZ, Benjamim. (Ed.). **Na força do espírito – os pentecostais na América Latina**: um desafio às igrejas históricas. Trad. Júlio Zabetiero. São Paulo: Pendão Real, 1996.

CESAR, Waldo; SCHAULL Richard. **Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs**. Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1999.

CETRULO NETO, Francisco. **Os que semeiam chorando ceifarão com júbilo: a origem da igreja Assembleia de Deus em Belém**. 1995. 168 f. Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA, Universidade Federal do Pará, Belém.

CGADB. **Usos e costumes defendidos pelas Assembleias de Deus no Brasil**. Disponível em: <http://www.cgadb.com.br/sobreCgadb/posicaoSobre/ usosCostumes.html>. Acesso em: 07 jun. 2007.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pentecoste para todos**. Rio de Janeiro: CPAD, 1985. 126 p.

CORTEN, André. **Os pobres e o Espírito Santo**: o pentecostalismo no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1996.

CURTIS, A. Kenneth; LANG, J. Stephen; PETERSEN, Randy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**. São Paulo: Vida, 2003. 239 p.

DREFFHAL, Harold. Crise e anomia no Brasil. **Despertar ético**, Petrópolis: Vozes, vol. 54, fasc. 214, 1994.

DREHER, Martin Norberto. **A igreja latino-americana no contexto mundial**. 3. ed. Vol. 4. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1963.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2005.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Situação e tarefas da teologia da libertação**. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **Sarça ardente**: teologia na América Latina: perspectivas. (?): Soter/Paulinas, (?).

HURLBUT, Jessé Lyman. **História da igreja cristã**. Venda Nova: Vida, 1979.

IBGE. **Os 10% mais ricos gastam dez vezes mais que os 40% mais pobres**. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=961](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=961). Acesso em: 06 set. 2007.

LISBOA, Ageu Heringer. O pentecostalismo visto por um psicólogo. **Revista da cultura teológica**, São Paulo, ano IV, n. 16, jul/set 1996.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. “**Bailando com o Senhor**”: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012003000100001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012003000100001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 mai. 2007.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Aste, 1995.

\_\_\_\_\_; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

MONTANINI, Luiz. **Trinta milhões de crentes feridos estão esquecidos nas trincheiras**. Disponível em: <http://www.jornalhoje.com.br/100hoje/newfiles/jhdesviados240903.php>. Acesso em: 07 jun. 2007.

OLIVEIRA, Joanyr de. **As Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

OLIVEIRA, José de. **Breve história do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

ONG, Walter Jackson. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

PEREIRA, Camila Pereira; LINHARES, Juliana. Os novos pastores. **Revista Veja**, São Paulo, n. 27, 12 jul. 2006.

POMMERENING, Claiton Ivan. **O poder da pregação cristã** – uma analogia entre o evangelho cristocêntrico e o antropocêntrico. 2004. 68 p. Monografia (Especialização em Teologia e Bíblia) – Faculdade Luterana de Teologia.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **O que é pentecostalismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

SANTOS, Ismael dos. **Raízes da nossa fé**. Blumenau: Letra Viva, 1996.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo**: de onde vem, para onde vai? Viçosa (MG): Ultimato, 2004.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. **Teologia sistemática**. Trad. Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. 5ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

VIDANET. Boletim Eletrônico. São Paulo: Vida, n. 210.

VEJA. São Paulo: Abril, 12 de julho de 2006. ed. 1964, n. 27.

VEJA. A força do Senhor. São Paulo: Abril, n. 1758, 03 de julho de 2002.

WALDO, César; SHAULL, Richard. **Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs**. Petrópolis: Vozes, 1999.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.